



## **O ATO DE ENSINAR COMO UM PROCESSO TRADUTÓRIO: UM NOVO OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Marina Martin <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Muitas teorias da educação falam sobre a importância do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Para alguns, o professor é visto como um mediador, como defende Junckes (2013) no trecho a seguir:

Cabe ao professor procurar mediar sempre, não só pensando no conteúdo em si, mas como é a relação do aluno com o conteúdo apresentando, sempre usando a criatividade e fazendo com que este aluno se sinta parte do processo de ensino-aprendizagem. Ao falar dos conhecimentos específicos para sala de aula é importante que o professor utilize sua criatividade para conseguir responder os porquês e dúvidas de seus educandos. Sabe-se da dificuldade que existe em se trabalhar com pessoas diferentes, no entanto é de fundamental importância que o professor consiga trabalhar com diferentes realidades num único ambiente, a sala de aula, considerando a realidade de cada criança, buscando atender a todos de maneira similar. (JUNCKES, 2013)

É importante que o professor execute de forma satisfatória sua função de mediação, buscando entender a relação entre o conteúdo a ser ensinado e os alunos, levando em consideração as particularidades na construção de cada um desses sujeitos.

Pensando nisso, esse estudo tem como objetivo acrescentar à reflexão da prática pedagógica do professor, um novo olhar para esse processo de mediação: considerando-o um processo de tradução.

Para tanto, foram analisadas obras de autores tradicionais das áreas de Educação, Linguística e Tradução que pudessem contribuir para a construção da presente reflexão.

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras - Inglês - Tradução e Interpretação pela UNIMEP - SP [marina.martin@unimep.br](mailto:marina.martin@unimep.br)



## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento desse estudo, a metodologia utilizada foi a Revisão de Literatura, buscando em teorias elaboradas por autores clássicos das áreas de Educação, Linguística e Tradução ideias que viessem a contribuir para o desenvolvimento da discussão aqui proposta.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, foi possível investigar a relação entre as teorias consideradas e fortalecer a reflexão apresentada com base em conhecimentos clássicos já estabelecidos e reconhecidos pela comunidade científica.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para iniciar a discussão aqui desenvolvida, foram consideradas as ponderações de Paulo Freire (1987) sobre a importância do protagonismo do aluno no ambiente educacional, para que o processo de aprendizagem ocorra de forma significativa à sua vida.

Em se tratando de compreender a relevância da linguagem que deve ser empregada para atingir o aluno, utilizou-se da teoria de Jean Piaget (1971) sobre o desenvolvimento do pensamento no ser humano, bem como os estudos de Mikhail Bakhtin (1997) sobre os diversos gêneros de discurso existentes num mesmo idioma e sociedade.

Por último, são apresentadas as considerações de Roman Jakobson (2000) sobre os diferentes tipos de tradução e suas aplicações e a teoria da tradução funcionalista de Christiane Nord (1991), que busca colocar o foco de atenção do processo tradutório no público-alvo daquela comunicação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para embasar essa reflexão, começamos por olhar para os escritos de Paulo Freire, em especial para a obra “Pedagogia do Oprimido”, na qual o educador aborda, dentre vários



temas de grande importância para a sociedade atual, a relação professor-aluno que aponta como a mais indicada para que a educação possa ter impacto real na vida do educando.

Freire (1987) apresenta a ideia de que o aluno tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, de que é ele quem deve ser ouvido e ter suas vivências consideradas nesse processo. Para atingir o aluno e proporcionar a ele uma educação eficiente, é preciso conhecê-lo e conhecer o contexto em que vive.

Porém, apenas esse conhecimento não é suficiente se o professor não for capaz de, a partir dessas informações, usar a abordagem e a linguagem apropriadas para o aluno e o contexto sociocultural no qual está inserido.

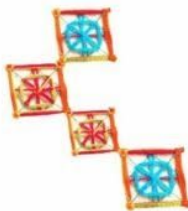
Aqui, é importante lembrar também que em cada faixa etária o aluno tem uma forma específica de perceber a realidade que o cerca, como aponta Piaget (1971) em seus estudos sobre o desenvolvimento do pensamento no ser humano. Esse pesquisador identificou quatro fases de desenvolvimento (sensório-motora, pré-operatória, operatória concreta e operatória formal), que vão do momento de nascimento até a adolescência e apresentam características próprias, diferenciando-se das demais, em relação à forma de adquirir novos conhecimentos e interagir com o meio.

Pode-se entender também que em cada uma dessas fases o indivíduo possui uma linguagem característica, com a qual se expressa e compreende o mundo que o cerca. Sobre essa linguagem, vale lembrar o que diz Bakhtin (1997) sobre os tipos de linguagem existentes num mesmo idioma.

Esse autor aponta que nas diversas atividades humanas as pessoas sempre utilizam algum tipo de linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, e que as especificidades de cada uma dessas atividades, juntamente do contexto, finalidade e grupo de falantes, exigem uma seleção dos recursos que a língua oferece, mesmo que feita de maneira automática pelos falantes envolvidos, o que resulta num gênero de discurso específico.

Entre os vários exemplos de gêneros de discurso citados por Bakhtin (1997), dois são de especial importância para o presente estudo: “diálogo cotidiano” e “manifestação científica”.

Ele ressalta, tanto no primeiro quanto no segundo caso, que há grande variedade de modalidades desses diálogos e manifestações. É nesse aspecto que podemos afirmar que a linguagem científica da produção do saber e a linguagem da criança fazem parte de gêneros



linguísticos completamente diferentes, cabendo ao professor o processo de adequação da linguagem científica para a linguagem do aluno, que deve ser a mais indicada à sua fase de desenvolvimento cognitivo, conforme apresentado por Piaget (1971), e ao seu contexto sociocultural, como apontado por Freire (1987).

Para entender esse processo realizado pelo professor, podemos considerar o que explica Jakobson (2000) sobre os três principais tipos de tradução que identificou em seus estudos: intersemiótica (tradução entre meios de comunicação diferentes), interlingual (a modalidade mais conhecida, que ocorre entre línguas diferentes) e a intralingual (entre linguagens diferentes dentro de uma mesma língua).

Dessas três, é a última que nos interessa, uma vez que podemos entender que ocorre tradução intralingual toda vez que expressamos num determinado gênero discursivo ideias que foram inicialmente formuladas em outro gênero. Sendo assim, podemos entender que o processo de adequação da linguagem científica para a linguagem do aluno, realizado pelo professor, é uma forma de tradução intralingual.

Unindo a ideia da tradução intralingual realizada pelo professor no processo de ensino-aprendizagem à ideia do protagonismo do aluno nesse processo, chegamos à corrente funcionalista da tradução, muito bem explicada por Christiane Nord (1991).

De acordo com essa autora, o ato de traduzir não é mera transmissão de ideias de um idioma para outro (ou de uma linguagem para outra dentro de um mesmo idioma, como estamos considerando aqui), mas também uma adaptação de ideias que surgem num contexto cultural e chegam à outro obedecendo às diferenças entre eles.

Ela enfatiza a importância de se considerar, acima de tudo, quem são os receptores daquela tradução e em que contexto estão inseridos, assim as ideias transferidas durante a tradução poderão ter o mesmo impacto na língua de chegada que tiveram na língua de partida. Essa forma de se pensar o ato tradutório é, em primeiro lugar, uma busca para que o sentido do discurso em ambos os contextos seja o mesmo, fazendo as adaptações linguísticas necessárias para que o público-alvo da tradução seja apropriadamente atingido.

Quando falamos de tradução intralinguística, podemos pensar em vocábulos e estruturas específicas que são utilizadas em certos contextos, ou por certo grupo de falantes, que não fariam sentido em outros contextos ou outros grupos de falantes. Nesses casos, para



atingir o novo público-alvo, é necessário adaptar a linguagem para que ela possa transmitir as mesmas ideias de forma adequada à nova situação.

É essa reflexão que deve fazer o professor em sua prática pedagógica. É preciso buscar a forma adequada de fazer com que um saber específico seja compreendido pelo aluno por meio da sua própria maneira de perceber a realidade à sua volta e de forma que esse saber se faça relevante ao contexto cultural em que o aluno está inserido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A reflexão aqui apresentada pretende acrescentar uma nova maneira de olhar para o papel que o professor desempenha e para a importância de sua função no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dos teóricos apontados como embasamento, enfatiza-se que é de extrema importância considerar quem é o sujeito aluno no processo de ensino-aprendizagem, tanto de um ponto de vista educacional como de um ponto de vista tradutório, para que seja possível falar-lhe de forma adequada, objetivando um real aproveitamento do que se pretende que seja aprendido no momento de aula.

Levando em consideração a contribuição dos estudos linguísticos e tradutórios para a comunicação entre falantes de um mesmo idioma, é possível aprimorar o processo de tradução de responsabilidade do professor, normalmente realizado inconscientemente, aplicando à sua prática pedagógica, agora de forma consciente, conceitos teóricos já há tanto tempo aplicados à prática dos tradutores interlinguais, com o objetivo de se construir um ensino que faça sentido para o aluno.

Para tanto, sugere-se um estudo aprofundado da teoria funcionalista da tradução, bem como das particularidades da tradução intralingual, com aplicação específica ao contexto aqui considerado.

Assim, cruzando estudos de diferentes áreas, podemos ampliar a compreensão da prática pedagógica com a contribuição de outras perspectivas que só têm a acrescentar à construção desse saber.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: **Martins Fontes**, 1997

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1987.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: Vennuti, L. (org.) The Translation Studies Reader. London: **Routledge**, 2000.

JUNCKES, R. C. A Prática Docente em sala de aula: mediação pedagógica. In: SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, V., 2013, Tubarão. **Anais**. Tubarão: Ed. da Unisul, 2013. p. 1-9.

NORD, C. Text Analysis in Translation: theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis. Amsterdam; Atlanta: **Rodopi**, 1991.

PIAGET, J. A Epistemologia Genética. Petrópolis: **Vozes**, 1971.